



PREÇO \$50

Semanário

Composição — Impressão

RUA DA OLIVEIRA ao Carmo, 21

LISBOA

Director e proprietario — José Tavares

Editor — Silva Cruz; Redactor principal — Souza Carvalho
Administrador — Gonçalves Reis

Redacção e administração — Rua Alexandre Braga, J R C, 1.º

1932

ANALFABETISMO

JOANICO

Não virá, talvez, muito a propósito o falarmos ainda do Ano Novo, visto oito dias já serem decorridos, mas quando assistindo ao findar de um ano de tam funestos desígnios como foi o de 1931, acalentamos a esperança do que o vindouro nos desse melhores dias, nunca é de mais que o saudemos, lembrando-o não como em desforça, um embuste do ano juido, mas olhando-o com um certo optimismo, procurando vivermos da vida, da alegria, do desconhecido que ele nos oferece com risonha ingenuidade.

Lá vai o Ano Velho, ano agrotento, manquejando, todo curvado, trémulo—lavado de remorsos...—é, quanto por esse país fora o povo, essa massa anónima, o enxota, expulsa, gritando, numa amalgama ensurdecadora de assobios agudos, buzina de desesperado dos taxis, e os silvos das locomotivas, respondendo aos clamores das serenas. O Ano Novo passa, risonho e altaneiro, orgulhoso da sua importância, senhor do seu ea, desprezando os gritos estrididos da gentalha, entrando afoito em terreno conquistado.

Como nas épocas remotas em que, por honra de um deus, se faziam os mais variados sacrificios, assim, agora, festejando a sua passagem se consumaram supplicios... deram-se lautos banquetes, ondeas mimosas.

Éle, contudo, avesso a homenagens, traiposo ás festas e libações que se fizeram em seu louvor, nestes poucos dias que conta de existência, já matou bastos ilusões, destruiu, em muitos, a Aurora ambicionada.

É preciso, todavia, não desanimar; lembremo-nos de que há ainda trezentos e tantos dias deante de nós, e nesses trezentos e tantos dias quantas coisas, quantas probabilidades, eu, vós todos, leitores, enfim, não temos de vir os nossos sonhos realizados, recompensando-nos das desilusões sofridas?

Não sejamos, pois, pessimistas, façamos a sourde oreille ás suas travessuras e esperando com aquela fé salutar que irradia das almas boas, gritemos:

Benvido sejas ano de Esperança, de doce insano, benvido sejas 1932!

Silva Cruz

Quantos alvites se tem entre nós emitido ultimamente para a resolução deste complexo problema!

Muito se tem escrito sobre tão momentoso assunto e, justo é accentua-lo, alguma coisa se tem já conseguido, tanto das estâncias officiaes como da iniciativa particular, no sentido de lhe atenuar a gravidade. Tem-se mesmo a impressão de que acordimos enfim, alarmados pelas consequências de um prolongado sono de indiferença ante tão desoladora realidade. Só assim se compreende que as nossas estatísticas tenham continuado a acusar uma assustadora percentagem de analfabetos quando em quasi todos os países da Europa e até da América, mercê da applicação metódica e persistente de um conjunto de medidas oportunas se conseguiu baixar para a casa das unidades o número representativo dessa percentagem.

No nosso paiz a resolução de tão melindroso problema impõe-se com tanto maior urgencia quanto é certo que da sua solução depende, em grande parte, a divulgação proveitosa e eficaz de um certo número de conhecimentos de Higiene que estaria, sem duvida, na base da campanha contra as doenças infecciosas, no número das quais avulta a tuberculose pelo acréscimo alarmante do número de victimas que, diariamente, causa.

E não é afinal evidente e intuitivo até que antes de nos empenharmos na construção de sanatórios e pavilhões grandiosos para o tratamento de individuos atacados por doenças infecciosas nos esforcemos por ensinar aos que a elas estão sujeitos, e que é a grande maioria da nossa população, a maneira de se prevenir contra essas doenças, e de se defender do seu contágio?

Mas como conseguilo num paiz cuja população é na sua maioria constituída por analfabetos que têm pelas mais elementares regras de higiene, certamente por lhes desconheceream vantagens, a mais desconsoadadora indiferença?

Quantas aldeias e freguezias rurais ha por esse paiz fora onde os pais em vez de mandar os filhos para a escola os utilizam em diversos trabalhos agricolas, ás vezes até, demaziado violentos para a sua pouca idade. Um coheço en, e não muito distante de Lisboa, onde as creanças, a maior parte das vezes em idade de escola, andam pelas ruas a apañar os escrementos dos animais que passam, para com elles estrumarem as vinhas.

Desenganemo-nos! E' tempo e mais que tempo de procurarmos, num esforço persistente e bem orientado, extinguir o pelo menos debelado, um mal que nos envergonha e nos deprime como povo civilizado que nos prezamos de ser.

É necessario e urgente que todos trabalhemos, cada um na medida das suas possibilidades pela causa sagrada da instrução e educação de um povo que não está ainda á altura das suas responsabilidades politicas e sociais.

J. T.

Este número foi visado pela
COMISSÃO DE CENSURA

O artigo que hoje vos apresento versa um episodio, bastante interessante, occorrido, em Lisboa, durante a occupação franceza. Foi minuciosamente descrito pelo Dr. Julio Dantas no seu livro «*Patria Portuguesa*» donde foram extraídos muitos dos pormenores do presente trabalho.

No dia trinta de Novembro de mil oitocentos e sete entravam em Lisboa dois regimentos francezes, cujos soldados, famintos e miseráveis, as fardas rasgadas, mesmo descalços muitos deles, mostrando as agruras de penosa e accidentada marcha, mais pareciam uma horda de mendigos do que guerreiros do grande Imperador. Quando os invasores, já reconfortados, desfilavam, imponentes, pelas ruas da Capital, Joanico, um pobre diabo, figura de bobo popular que toda a Lisboa do começo do século XIX conhecia, á vista de qual espectáculo tremia de medo. Todavia, as golas douradas dos officiaes, os sabres reluzentes, as baionetas, todo esse aparato bélico enfim, o deslumbrava, atraía a sua hedionda figura.

Era, de facto, monstroso e ridiculo idiota, contudo, quasi anno, a boca rasgada num riso alvar, olhos enormes e na cabeça rufa e desgrenhada um chapéu holandez, delicia da garotada irrequieta, que o escoltava constantemente.

Dias depois, Joanico, apparecia nas ruas, o chapéu engalanado de penachos de várias cores, bolões dourados no fato, contra ao pescoço, dançando, assobiando, imitando gritos de animais misturados com vozes de commando que elle ouvira aos officiaes de Joo-ni.

Como de costume a garotada rodava-o, torturando-o, atirando-lhe pedras; tudo isto elle soffria paciente, sem um único queixume.

Os officiaes francezes riam-se delle, atiravam-lhe moedas, obrigaram-no a dançar e pregar sermões; a esses olhares Joanico com rancor. Dir-se-lhe sentira a tirania do invasor.

Passados mezes, Porto e Braga revoltaram-se e aclamavam o principe Regente.

Em Coimbra aprisionaram um destacamento de 110 soldadas francezas ao mesmo tempo que se formava a junta governativa presidida por Freire d'Andrade. A revolta alastrava!

Enquanto Junot mandava para o Norte uma coluna de 2000 homens sob o comando do selvagem general Loison, o governador militar de Lisboa, general De Laborde, ordenava aos esbirros que prendessem todos os indivíduos suspeitos. As prisões transbordavam.

Numa das fevas de presos submetidos ao julgamento de De Laborde em Lisboa.

Levaram-no, aos encontros, à presença do governador.

De Laborde ao ver aquele aborígeo alto de alto a baixo, dirigindo-se ao comandante da guarda, perguntou-lhe:

— Ou' está' que c' está cá? — Um espírito que se fingia idiota para ludibriar os guardas, passava armas aos fuzarretos e fazia-lhes sinais mudando as plumas do chapéu.

De Laborde, numa português misturada com espanhol, fez-lhe uma série de perguntas:

Quem prender o general Quaeset e os seus oficiais? Quem arrastou o general Martin em Faro? Quem eram os revoltosos de Lisboa? Quem foi que amolou o povo no dia de Cor: pus Cristi?

Joanico, alheio ao que se passava, respondia a tudo:

— Não vi... Não vi... Não vi nada...

Então um sargento, tentando fazer-lhe falar sacode-o, derraba-o, espanha-o...

Estansquentado, elhos esbaldado, responde a tudo como estribilo: — Não sei... Não vi... Não vi nada...

De Laborde deridido-se, de novo, ao comandante da guarda inquiriu:

Ca conspire realmente este bruto? — E voltando-se para o bobo, tremulo de pavor, ordena-lhe que desse uma viva ao Imperador.

— Viva l' Emperar! — gritou o oficial.

Joanico, galvanizado por esse anáclito patriótico que acompanha sempre os povos oprimidos, levanta a cabeça e grita com voz vibrante:

— Viva a Patria!

O general recua surpreendido.

Então a nobreza e o comércio suplantavam, complicantes, o luto francês, a Câmara não lhe punha entraves e era naquela travesta figura que se encontrava a revolta?...

De Laborde tirando Joanico das mãos dos algas lío-o e eferece-lhe a liberdade a troco dum viva a Napoleão ou ao fastidioso em face de recusa.

— Vive Napoleon! — bradou De Laborde.

— Viva a Patria! — respondeu Joanico.

O general ordenou que o fastidioso dentro de meia hora se retirasse se quando, de súbito, perguntou se vinha algum frade na leva. Responderam-lhe que sim; um Carmelita que do pulpito incitava os fiéis à revolta.

Nesse caso, votou o governador, confessemo-nos antes da execução.

O padre que estava a cargo do infeliz, compreendendo a infâmia que se ia cometer, implorou; ao pelotão executor que suspendesse até ele chegar.

E, correndo agilmente, sobre um impeto escabridão, atravessa salas, aferra-se aos sentinéis e rej-se aos pés de De Laborde suplicando:

— Misericórdia! Misericórdia!

Uma descarga seca interrompeu-lhe bruscamente, a sípica. E Joanico que heroi insconsciente; acabava de tomar fútilo, o ordem do governador.

Fernando M. de Sousa

DIAS DE CARVALHO

Inicia hoje a sua valiosa colaboração, facto éste que destoaesmente registamos, o nosso prezado amigo, Carlos A. Dias de Carvalho, espirita lúcido e brilhante, cuja prosa agradável e despretensiosa, estimoce entre os leitores, merece muito apreço. E realmente um valor inestimável o colaborador que lhes apresentamos. Cuidadosamente burilada.



dos, os seus artigos são verdadeiras lições que se ligam com geral interesse. Sobre «Ofiolatria», o autor, mostra bem, mesmo nas mais pequenas nuances, a maneira criteriosa com que trata os assuntos que se propõe tratar, tendo, pois, os leitores, bastas ocasiões de ver os temas que aqui se tratam.

O CULTO DA SERPENTE (OFIOLATRIA)

Há povos sem religião?

Se a palavra religião é tomada no sentido corrente de "doutrina revelada, acompanhada de um sacerdócio fortemente organizado", ou ainda segundo Quatreflans "crença em seres superiores ao homem e num futuro além do túmulo", há com certeza povos que nada têm de semelhante.

Se pelo contrário admitirmos, o mínimo da definição de Tylor (Civilizações Primitivas)—crença em entes espirituais, ou, melhor ainda "crença em entes imaginários" (segundo Deniker), será difícil encontrar tribus que não tenham qualquer crença deste género.

A criação desses entes imaginários, liga-se a algumas vezes com o sentimento do medo, (*primus Deus fit in ore timoris*), e limita-se a isso, mas na maioria dos casos, todos os povos incultos têm os rudimentos duma religião natural mais desenvolvida e crença em espíritos benéficos. A essa religião primitiva dá-se o nome de animismo.

Esse medo ou terror não desaparece completamente assim o afirma Spengler: "So o homem que interiormente é já cadáver, o habitante das grandes cidades postremas, a Babilónia de Hamurabi, a Alexandria dos Ptolomeus, a Estidã do mundo islâmico, Paris e Berlim de hoje; só o puro sofista intelectual, o sensualista, o darwinista, perde ou nega esse terror, interpondo entre si e o estranho uma concepção científica do mundo, sem arcanos nem mistérios".

O animismo na sua forma mais rudimentar consiste na crença de que o corpo humano encerra uma alma capaz de se separar do seu invólucro material, crença que se torna extensiva a tudo o que existe, animais, plantas, pedras, etc.

Dá a crença em determinados animais (zoolatria), como sucedeu no antigo Egipto, na Caldéa, nos Assírios, Fenícios e até mesmo modernamente.

Com o efeito, (diz Maspero-Revue de l'Histoire des Religions) o antigo Egipto prestou um tal culto aos animais, chegando os sacerdotes a alimentá-los, ao lado do seu deus-homem, um deus-animal que apresentavam à geração dos filhos. Assim Thot era um crocodilo ou ibis. Serpão um crocodilo, *Harmakhis* uma esfinge com corpo de lío e cabeça humana, etc.

A princípio todos estes animais foram adorados, uns pelo tensor como o lío e o crocodilo, o chacal, etc., outros pela utilidade que prestavam ao homem, como o boi, o carneiro, etc. Mas tarde a ideia vai-se modificando e são já considerados como que o altar vivo, ou o corpo, ao qual os deuses comunicam uma parte da sua vida. E assim por exemplo, como o chacal e o boi se tornaram a encarnação de Anubis e

de Ptah e nunca mais apreçem *Anubis* ou *Ptah* em pessoa; e assim como estes, muitos outros deuses.

Dentre estes muitos animais adorados pelos povos da antiguidade, a serpente uruboras manteve sempre um culto especial (ofiolatria).

"Documentos antigos revelam a antiguidade do culto ofiolátrico, como se percebe por certas designações, que têm significados especiais. Assim, chamavam *ofica*, os poemas ou tratados sobre serpentes no tempo de Plínio.

Ofiagenes, era um povo da Asia Menor, que curava as mordeduras das cobras, por um modo peculiar, segundo Varrão.

Ofitae (ofites) era o nome da Seita que orava às serpentes. (J. Betchenry Pereira-Ofiolatria).

"A serpente occupo um lugar muito importante na mitologia e nas superstições dos povos da antiguidade como occupa ainda entre os povos contemporâneos (Angelo de Gubernatis)", e nós vamos encontrar no nosso país, ainda vestígios desse culto nas decorações dolméticas e rupestres, pintadas ou gravadas, com formas de linhas sinuosas, onduladas e espiraladas as quais se assemelham a ornamentos encontrados fora de Portugal, por exemplo na Andaluzia, Galiza, Bretenha, Irlanda, etc. (A. A. Mendes Corrêa—Le Serpentem dans la Lusitanie proto-historique).

Uma dessas pedras votivas, encontrada no Museu Municipal do Porto, oferecida pelo Dr. Manuel de Vasconcelos, foi encontrada no Logar do Monte de Eiró, Penha Longa, Marco de Canavezes, medindo 2",50 de comprimento e 1",10 de largura. Nela vimos gravadas duas espirais ligadas por onduladas, curvas canchricosas e onduladas, e sobre o assunto desta pedra o Dr. Pedro Vitorino, ilustre conservador daquelle Museu dedicado uma memória (Insculpturas do Monte Eiró) e o Dr. Betchenry Ferreira, ilustre professor da Faculdade de Sciéncias do Porto, fez uma comunicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Ethnologia—*Ofiolatria*.

Estes *menhires* nos quais os povos da antiguidade prestavam culto, ainda que sujeito a contestações, são géta no entanto realidades pelas hipóteses emitidas por Stakeley em Inglaterra no século XVIII, por Fenhouët e Deane no século XIX, e ainda pelas atuais descobertas de Le Rouzic e Péquet, de serpentes, ou cousas semelhantes, gravadas nas pedras de Kergerio (Ferreira—op. cit.).

Referindo-se à existência desses monumentos na Lusitania proto-histórica, diz o Dr. Mendes Correa (op. cit. pag. 4):

C. D. C. Conclui no próximo número

Cá estou eu

... e, agora, mais gordinho! palavra, não é escova!

Comi pelo Natal um peço rechido, tão loirinho, tão loirinho, ... era mesmo um amor!...

Desde já liões peço desculpa em nome de todos e no meu em particular, pelo atraso sofrido pelo presente número do jornal. Porque, em verdade, fui eu o principal, senão o único, responsável desse atraso.

E' como lhe digo!... tive pelo Natal um peço tão loirinho, tão loirinho que era mesmo uma delícia.

Se mais liões disser que o camarão (não o *boxeur*, nada de confusões) não lhe ficava atraz, nem o fiambre nem as salsichas, tudo isto bem registado, os leitores compreenderão, que durante toda a semana, apenas me saíram da pena insinuações gastronómicas.

Não interessando estas aos leitores e sendo um facto sobrejante conhecido que, sem a excessiva colaboração do Jagoes, o jornal nada vale, resolvemos adiar a sua publicação até que o meu laborioso estagiário me permitisse o retorno às bellas letras e ao meu estylo tão *verdulo*.

Posto isto, resta-me iniciar a série de lições de *ofiolatria espectral* que me propuz ministrá-vo.

Escolhi um tema palpitante, como vão ver.

Passavam uma noite dois cavalheiros pela avenida do Campo Grande. O cavalheiro n.º 1, fatiasse as a medusas dos voltamos, sobre o seu tema favorito; o cavalheiro n.º 2, consultando o relógio, calculava mentalmente quanto dinheiro deveria receber pela reverendíssima oca-rega, em forma de discurso, que o outro lhe estava impingindo.

Esquecia-me de lhes dizer que o indivíduo n.º 1 além de fatista era vésco, tratava de preto, chapen de côco, relógio de prata, apen de brilhantes e carteira de camurça contendo três mil escudos em notas do banco.

Cerca da décima quinta arvore do lado interno da alaameda em que se aglutinam os dois interlocutores, abeirou-se d'elles um *gentleman*, que de pistola em punho, requiriu cortemente ao indivíduo n.º 1 todo o dinheiro e valores de que fosse portador.

Este, apoplético, contestou a legalidade da requisição, retroinquendo-lhe o outro que tinha em elaboração um novo código, muito interessante, em que tais actos seriam permitidos, communicação esta acompanhada de airtosos evoluções da *Browning*.

Vencido, mas não convencido, resolveu-se, finalmente, o cavalheiro n.º 1.

Aqui tem senhor?...

—Rap Inácio Mão Suave, às ordens de V. Ex.ª

—Muito,prazer. Eis, como lhe a dizendo, dois mil novecentos e noventa escudos. Quanto a mim apenas reservo dez escudos para o taxi que me conduzirá a casa.

V. Ex.ª peço muito bem ir de eléctrico, rispostou o requesitante.

Anuz breve discussão e muitas transigências chegaram a acôrdo, ficando o fatalista com cinco dos dez escudos que reclamara.

Apostolo da aldrabre

Dizem que mentir é feio,
 Não o nego, podem crer.
 Mas é às vezes o meio,
 Sendo feito com asseio,
 De bem se poder viver.
 Hoje em dia tudo mente,
 — Pois se a vida é uma mentira, —
 Só não mente quem não sente,
 Mente, mente toda a gente!
 Quem uma pedra me atira?...
 Ninguém, está bem de ver!
 São todos uns mentirosos
 Os que estiverem a ler
 O que acabo de escrever;
 E mesmo os mais orgulhosos,
 Que de verdadeiros se gabam,
 Coitados, metem-me dó!
 Os seus castelos desabam
 Porque tristemente acabam
 Dormindo o eterno ó-ó.

Eu peço caros leitores,
 P'ra terminar a questão,
 O Perdão destes horrores
 E' raiva de ser, senhores,
 Mentiroso e aldrabão!

Odnilra

Ao comércio

Se queres boa freguesia
 Em vez dessa rapa d'ábia
 Não percas tempo, anúncia
 Teus productos no Aldrúbia

O Rap Inácio despediu-se cordalmente e levou a sua gentileza ao extremo de oferecer ao antagonista a pistola com que o intimidara e que, por sinal, era de magnifico chocolate.

Ainda não se tinha de todo sumido a silhueta elegante do obsequioso Inácio já o sujeito n.º 1, faces congestionadas e escumante de raiva deslha uma catadupa de imprecações e máximas que ameaçava prolongar-se indefinidamente.

Então o sujeito n.º 2, até aí mudo e quedo, com um rochedo, observou-lhe ironicamente:

Oh homem, não se encolerise assim por tão pouco! Se isso tinha que ser!... estava escrito?

— Pois sim meu amigo, estava escrito, lá isso estava, mas também estava escrito que eu me havia de encolerizar!

Fins coronat opus

Jagodes

A piada não é nossa

Distração

Um sujeito, muito distraído, é olhado insistentemente por uma senhora. Vão ambos no elevador da gloria. A saída, ela aproxima-se dele e diz-lhe:

— Então já não me conheces?
 — Efectivamente... eu... sim...

— Pois não se lembra que sou a viúva do capitão Reis?

Ele, no meio da maior confusão:
 — Isso, isso! Queira desculpar!...
 E como está o Sr. Capitão?

Competências

Dizia uma velhota a um vizinho, referindo-se a certo clinico:

— Oh! é um excelente médico!
 Salvou-me...

— Sim?... e de que doença?
 Dum eléctrico que estive quasi a passar-me por cima.

Caridade

O mendigo — Meu rico, bem-feitor, dê-me alguma coisinha, que estou morto de fome!

O ricoça (depois de rebuscar entrega ao pedinte um botão velho):
 Tome é para um sobretudo,

Numa reunião

— Não disseste senão óices. Para que pediste tu a palavra?
 — Ora! porque tinha muita sede e queria beber o copo de água que se dá aos oradores.

Indiferença

— Ouve rapaz; dizem que vais para o Brazil!

— Sim, vou!
 — E não tens medo á água? Olha que se o navio vai a pique...
 — E que vá? Se me agrada Pique, fico-me em Pique.

Realismo

Uma senhora casada com um poeta, disse-lhe um dia em que estavam conversando intimamente:

— Ora, meu amigo, fazes versos a toda a gente, menos a mim. Vamos lá a ver, ao menos, como farás o meu epitáfio, quando eu morrer.

— Oh, minha querida, que triste assunto! Pelo amor de Deus não fales nisso.

— Qual história! Quero dar-te coragem. Eu faço o primeiro verso:
 — Aqui jaz Ana da Soledade.

Ele inspirado, mais como marido do que como poeta, concluiu imediatamente:

— Provêra a Deus que fosse verdade!

AOS DESPORTISTAS

Os melhores artigos nacionais e estrangeiros para

Basket, Esgrima, Foot-baal, Hockey, Rugby
 Tennis, etc., etc.

Aos melhores preços do mercado, só vende a casa

SPRIL

RUA DO LORETO, 34, 2.º

LISBOA

A VIOLETA

Tu que perpassas perfumada e pura
 Aonde vais triste e distraída?
 Não me conheces? Recordá, procura!
 Pela vez primeira junto á ermitida

Num canteiro rias quando te vi.
 Aírossa estavas trocando conteúdo
 Por chorar os prazeres que perdi.
 Violeta, tens a cabeça pendente,

Dize, porque games semi-descançar?
 Ve que em noite assim, viemos amar
 E rindo, gracil, desceste ao jardim;

Mas ai! ai nos vieram colher
 Por entre beijos, ouvir teu viver,
 Olha, Violeta, sou o teu jasmim!

Silva Cruz

Caixote do Lixo

Depois das festas passadas

Volto á redacção

Ontão tantas papeladas

Jaziam, amontoadas,

Nma enorme confusão,

Entre cartões de visita

E telegramas sem conto

No meio da mole infinita

De tanta prosa exquisita,

Confesso que fiquei tonto!

Passel uma tarde inteira

— Muito massacrado fui! —

A 'screver, nua canseira,

Sempre da mesma maneira

'Agradece e retribui!'

Adormeci, faticado,

E sonhei ver, num galope,

Vir sobre mim, apressado,

Um envelope lacrado,

Um fantástico envelope;

Atraz dele caminhavam,

Numa corrida infernal,

Muitos outros que paravam

E, rápidos, se alinhavam

Na redacção do jornal.

Lancei-me logo ao primeiro

Que mais lá não encontré,

Li em seguida o parceiro,

Vi num ápice o terceiro,

E... (nesta altura acordei)

Quem saber o que tinha,

Para mim, tanta atracção?...

Cada envelope continha...

Vejam lá... Quem advinha?...

Não sabem?... eu também não!...

Laracha

Espectáculos

TEATROS

Nacional—21,30—S. João sabio ao trono
 Trindade—21,30—«O Aldrúbia»
 Gimnasio—21,30—Pedro, Paulo & C.
 Pórtico—21,30—O crime da S.ª Av.
 Avenida—21,15—«O Sol das Barrigas»
 Apolo—20,30 e 22,30—«A cigarras»
 Maria Victoria—20,30 e 22,30—«O Estalado»
 Variedades—20,30 e 22,30—Mexilhão,
 Coliseu—21—Variedades.

CINEMAS

Olimpia—Amor humano
 S. Luiz—«O congresso que dança»
 Condes—«Nos labios... não!»
 Central—«Amy e os carteiros»
 Tivoli—«Marracos»
 Odeon—«O papá das pernas altas»
 Terrace—1980
 Royal—«Olesteinas»
 Capitólio—«Paraiso flutuante»
 Palácio—«Glosteinas»
 Liz—«O Sr. Director»
 Paris cinema—«Noite da duendes»
 Promotora—«Alta Sociedade»
 Palatino—«Sardades»
 Eden cinema—«A loucura de um beijo»
 Europa cinema—«A revista das revistas»

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo 51-Lisboa

Sempre sortes grandes!



Depois das Compras

substitue talvez uma leve sensação de cansaço, ou mesmo, tendência para dores de cabeça. Para afastar a fadiga e restaurar o seu bem estar beba uma chavena d'esse nectar que refresca, estimula e delicia.



CHÁ HORNIMAN

Somente em pacotes
de 14—50—125 e 250 gramas.

LIVRARIA FERIN

Fundada em 1840

TORRES & C.^{TA}

70, Rua Nova do Almada, 74

Telefone 24422

Sortimento de livros nacionais e estrangeiros
para o ensino Secundário e Escolas
Superiores

Artigos de Desenho, Esferas e Mapas

Assinaturas para todos os jornais e revistas
estrangeiras

PENSAO FAMILIAR

F. A. DUARTE

Quartos bem mobilados e boa comida, ou só comida
Acelo e socêgo. Casa de muito respeito
SÓ SE RECEBEM PESSOAS DE TRATAMENTO
Rua Ivens, 49, 2.º e 3.º andar

LISBOA

Telefone 20783

Perfumaria Universal, L.^{DA}

Cremses e pó de arroz de todas as boas marcas

PRODUCTOS BENAMOR E NALLY

Bijouterias

O maior e mais lindo sortido em
colares, brinços, pulseiras, etc.

ROCIO, 101

EXTRATO HEROICO

Infalível nos tratamentos das
Doenças Pulmonares
Falta de Apetite
Hemorragias
Fraqueza Geral
DAVITA
Rua Eugénio dos Santos, 81

Instituto Pasteur de Lisboa



H. C. SOUSA L.^{DA}

Sempre novidades em

chapeus chics

Ultimas criações de Paris

Rua do Ouro, 216, 218 e 220, 1.º

Telefone 20560

MAISON LOUVRE

Fatos e vestidos para creanças

Unica casa especialista no País

106, Rocio, 107



"LIZ"

CIMENTO

PORTLAND

ARTIFICIAL

em barricas de 180 kgs. e sacos de 50 kgs.

Produção anual 100.000 toneladas em-
pregando 2 fornos rotativos metálicos

EMPRESA CIMENTOS LEIRIA

S. A. R. L.

Capital Esc. 8.000.000\$00

Sede--RUA DO CRIS DE SANTARÉM, 64, 1.º--LISBOA

TELEFONE P B X 21331

FILIAL NO NORTE:

Rua Formosa, 297

PORTO

AGENCIAS NAS PROVINCIAS